

**EU, TU, ELXS, NÓS: FRONTEIRAS CAMBIANTES E TERRITÓRIOS  
PENETRADOS – A TRAJETÓRIA ATÉ TRAVESTI E DEPOIS DELA**

**I, YOU, THXM, US: CHANGING FRONTIERS AND PENETRATED TERRITORIES  
– THE TRAJECTORY UNTIL TRANSVESTITE AND AFTER HER**

**Regerson Franklin dos Santos<sup>1</sup>**

**Resumo:** Compreender as múltiplas e complexas atitudes de afirmação e identidade de gênero na atualidade é importante para analisar de maneira holística os grupos que não se enquadram dentro de padrões normativos sexuais e simbólicos estabelecidos pela classe conservadora e, nessa mesma esteira, saber conviver com eles e suas pautas de reivindicações e vivências. Nesse sentido, a primeira parte do trabalho buscou realizar uma trajetória evolutiva desse ser, desde se assumir homossexual até o limite máximo de modificabilidade corporal propiciado pelos avanços da medicina e tecnologia, tornando-se travesti e, em última instância, transexual. Posteriormente, a segunda parte ressalta as características dos territórios – de rua – de atuação daquelas que vivem da prostituição, sendo, portanto, profissionais do sexo e as relações com sua clientela e as demais territorialidades físicas. Por fim, mediante trabalho de campo, com entrevista estruturada, buscou-se entender como é ser Travesti em Campo Grande-MS, os desafios e características do enlace preconizado com seus clientes no ato da prostituição enquanto trabalhadoras do sexo e reflexões acerca do atual momento político do país.

**Palavras-chave:** Fronteiras. Travestis. Territórios. Sexualidades.

**Abstract:** Understand the multiple and complex attitudes of affirmation and gender identity today is important to analyze in a holistic way the groups that do not fit within the normative sexual and symbolic standards established by the conservative class and, that way, know how to live with them and their guidelines of demands and experiences. In this regard, the first part of the work sought to carry out an evolutionary trajectory of this being, from assuming a homosexual to the maximum limit of corporal modifiability provided by the advances of medicine and technology, becoming transvestite and, ultimately, transsexual. Subsequently, the second part emphasizes the characteristics of the territories - street - of those who live in prostitution, being, therefore, sex workers and their relations with their clientele and other physical territorialities. Finally, through fieldwork, with a structured interview, we sought to understand what it is like to be a transvestite in Campo Grande-MS, the challenges, and characteristics of the proposed bond with its clients in the act of prostitution, as sex workers and the reflections about the current political moment of the country.

**Keywords:** Frontiers. Transvestites. Territories. Sexualities.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. E-mail: regersonfranklin@yahoo.com.br

## Introdução

O presente trabalho busca apresentar um panorama acerca das questões de gênero e como se encontram as condições de trabalho das travestis na cidade de Campo Grande - MS, depois de um cenário em que se intensificou a polarização política, cultural e religiosa após as eleições presidenciais de 2018.

Antes, contudo, faz-se necessário uma contextualização acerca da história de vida dessas pessoas até se assumirem homossexuais e, posteriormente, se tornarem trabalhadoras (profissionais do sexo), visto essa conjuntura desencadear um processo que rompe limites, extrapola as fronteiras e propicia o estabelecimento de análise de múltiplos territórios urbanos (INGOLD, 2015).

Destarte, colocando ênfase nos aspectos territorial de trabalho, que também denota o campo emocional, busca-se compreender as relações que se desencadeiam entre os profissionais do sexo e sua clientela. Ressalta-se que para fins de análise neste texto, considerar-se-á somente a categoria das Travestis e, relacionalmente, em certas ocasiões, as mulheres transgêneros<sup>2</sup> devido a análise comparativa/evolutiva indissociável que ambas mantêm.

A metodologia empregada pauta-se em fundamentação teórica específica sobre a temática e apresenta, para fins práticos, aspecto qualitativo ao se considerar entrevistas com profissionais que atuam em territórios já demarcados e conhecidos como *lócus* de prostituição em Campo Grande – MS, que abrigam uma quantidade de profissionais, distribuídos em pontos fixos em determinadas esquinas de bairros já conhecidos por oferecerem esses serviços, aos quais, mediante observação em trabalho de campo, é composto em sua maioria por profissionais travestis.

A entrevista, em termos procedimentais, compreende uma totalidade perceptível da amostragem de trabalhadores (KOSIK, 1985; RICHARDSON, 1999), e propõem ao pesquisador uma visão atual, primária e fidedigna que expressa a vivência e a relação que se desenvolve dentre essas profissionais, e entre elas e o público que as “consome” (SILVA, 2010). Nesse contexto, trabalhar-se-á:

com a Observação Participante, que é caracterizada pela presença do pesquisador/a no campo; o/a observador/a é parte ativa do processo. Ela é entendida como um

---

<sup>2</sup> “as **travestis** são pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não gênero. O termo *transexual* é aplicado ao indivíduo cuja identidade de gênero difere daquela designada pelo sexo biológico e que procura fazer a transição para o gênero oposto através de intervenções como a administração de hormônios e cirurgia de readequação de gênero” (SILVA et al., 2017, p. 836). **Grifos nossos**

processo, em que o/a pesquisador/a deve tornar-se realmente um participante do método, obtendo, dessa forma, acesso ao campo de estudos em que vai atuar e aos sujeitos que pretende observar, atendendo, assim, aos objetivos da pesquisa a ser desenvolvida (LONGARAY e RIBEIRO, 2016, p. 762).

Como arcabouço em constante transformação, tais relações complexificam os territórios (SANTOS e SILVEIRA, 2002) aos quais estão dispostos e denotam uma natureza efêmera, voraz, obscura e pautada no medo cotidiano no ambiente de trabalho, que é irrestrito, fragilizado legalmente e aguçado em tempos de polarização entre, o certo e o errado, a “família” e a “escória” da sociedade.

Portanto, tal trabalho, continuidade de uma pesquisa já concluída em 2016<sup>3</sup>, pretende verificar as percepções e situações de medo que as profissionais do sexo/travestis vivenciam em suas atividades laborais; para tanto, ter-se-á uma conotação mais política, buscando captar (ou não) se o cenário ultra-radical (de direita) instalado no país, apresenta consequências em suas relações de trabalho.

Para fins didáticos, o texto terá a seguinte disposição: primeiramente apresentaremos ao leitor uma breve concepção das questões de sexualidade e gênero de modo geral, destacando sua pluridiversidade e nomenclaturas, para, posteriormente, delinear uma exposição sobre as características dos territórios de atuação (trabalho) e as vicissitudes cotidianas daqueles que são Profissionais do Sexo, finalizando com a apresentação dos resultados das entrevistas realizadas em trabalho de campo<sup>4</sup> no dia 17 de abril de 2019.

### **Quando minha mente destrona meu corpo – anseios e disposições amorais pra quem?**

Com os avanços sociais, tecnológicos, medicinais, culturais e legais que se desencadeiam no mundo e também em solo brasileiro, com mais intensidade em alguns países que outros, têm-se observado uma série de mudanças, seja na concepção individual ou na sua coletividade.

Outrossim, tais transformações impactam tanto nas estruturas familiares rígidas do tradicionalismo milenar quanto na capacidade de sua população em compreender tais avanços; o novo, então, é escrutinado a tal ponto e de maneira cada vez menos racional, que impossibilita

---

<sup>3</sup> Santos e Bergamin (2016). Ressalta-se que o foco desse trabalho foi a relação entre a Exclusão Social e os Profissionais do Sexo de todas as categorias, inclusive com relatos de clientes, pastor evangélico e dona de casa, além dos próprios profissionais, tanto em pontos fixos em esquinas ou em “casas de massagem”.

<sup>4</sup> Agradeço especialmente aos amigos Rafael e Carlos pela grandiosa ajuda na participação e reflexão no desenvolvimento das atividades do trabalho de campo. Sem eles, tal tarefa seria impossível de ser realizada com a qualidade e abrangência que foi alcançada.

uma compreensão sob o viés da alteridade que propiciaria um olhar sobre o outro e suas angústias, anseios e externalidades. Cada vez mais, o padrão é individualista e menos coletivo/conjuntural (ELIAS, 1994).

Isto posto, considerar, a algumas décadas atrás, que uma “mãe solteira” foi e ainda é objeto de discussão acerca de sua capacidade de ser ou não mantenedora de um lar-residência-domicílio e criar sua prole sozinha, já causou (e ainda causa) um tremendo alvoroço nas bases oligarcas patriarcais que entendem que uma família (CHAUÍ, 2000), segundo os parâmetros conservadores-tradicionais, tem, obrigatoriamente, que ser composta por um homem – o progenitor, protetor, líder nato – e uma mulher (submissa, coadjuvante, descartável); imagine-se então, quando se pautam as relações homossexuais?

Cada dia mais comum na sociedade brasileira, essas homo afetividades que transcendem o campo da patologia e do promíscuo para uma certeza cada vez mais plausível juridicamente, ganham terreno com o advento de uma visão diferente, mais pautada na diversidade, na liberdade dos indivíduos para serem exatamente aquilo que querem ser: livres para escolherem o destino de suas vidas (ARANTES, 2000). Hoje, cada vez mais, quebram (limites e) paradigmas e avançam<sup>5</sup> (com as “balbúrdias” tecnológicas que são disseminadas pela medicina) suas fronteiras no sentido da modificabilidade corporal, perceptiva e emocional (FOUCHER, 2009).

Gays e Lésbicas, dessa maneira, que foram “objetos de concepções existenciais” durante séculos, passaram a uma outra – extremamente rápida – definição de vida corporal e ampliaram assim suas denominações/nomenclaturas a partir de meados do século XX. Hoje, mais que homossexuais, são Bissexuais e Transexuais assumidas, e isso, cada vez mais ocorrendo em uma velocidade incompatível à capacidade de parte conservadora da sociedade se ater a essas mudanças, rompendo todos os limites outrora imaginados (HAESBAERT, 2014).

Como consequências, debates e conflitos os mais diversos surgem acerca da ética, da moral e da convivência entre esses “novos seres” que pretendem habitar lugares dantes ocupados por seus corpos em face de outras pessoas (ou seriam personalidades?) e a população “comum”. Não obstante esse pressuposto lógico, muitos são excluídos do seio familiar e subjugados à revelia do convívio aos quais foram criados.

---

<sup>5</sup> Essa perspectiva de luta, resistência e resiliência faz-se presente com o atual momento, em que a classe conservadora tenta fazer com que se retroceda acerca dos direitos dessa comunidade. A matéria seguinte evidencia muito essa questão: “Ninguém solta a mão de ninguém. A Comunidade LGBTQIA+ resiste para manter direitos diante de onda reacionária”. UOL. Disponível em: < <https://tab.uol.com.br/edicao/lgbt#ninguem-solta-a-mao> >. Acesso em 20/06/2019.

Rompe-se, desta forma, as fronteiras da normatividade heterossexual para a descoberta – as vezes forçada – de uma nova vida, de novos desafios e limites, de um novo território a ser estabelecido, territorializado. Eis, a multi: culturalidade, (trans) feminilidade/masculinidade, territorialidade, travestilidades que paira atualmente. Destarte, considera-se que

As transexuais e travestis trazem à tona diferentes posições de sujeito, ou seja, por meio de inúmeras tecnologias de transformação corporal, elas produzem seus corpos, projetam suas vidas e evidenciam outras possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades, desafiando, em muitos casos, a heteronormatividade. O processo de constituição de si é contínuo, transitório e de (re)construção permanente. É atravessado por resistências, pela emergência de singularidades, as quais nos possibilitam repensar a normalidade e anormalidade, e pela criação de diferentes modos de existência. (LONGARAY e RIBEIRO, 2016, p. 780).

O que temos então são fronteiras (cambiantes) físicas e fluídas transpassadas, avançadas, em que os atores buscam se territorializarem em novos espaços, que incidirão em outras características de (bio) poder e vivências as mais complexas.

Em muitos casos, essa exclusão (COSTA, 1998; NASCIMENTO, 2000; MARTINS, 1997) causa um processo de escolha com poucas opções ao excluído; são “párias” que não mais se reconhecem no local de nascimento e criação, pois disposto de inúmeras atrocidades sociais, emocionais e laborais aos quais não querem passar, e vivem isolados<sup>6</sup>, mesmo tendo famílias e amigos ou então excluem-se desses laços (SANTOS e BERGAMIN, 2016).

Parcela desses homossexuais para sobreviverem, muitos acabam se personificando travesti e adotando como trabalho a prostituição (Profissionais do Sexo); podem instituir pontos fixos ou migrarem de cidade em cidade – são, assim, destituídos de lugar<sup>7</sup> - em busca de dinheiro para se manterem, pois, renegados pela família e sociedade; no dizer de Carrieri, Souza e Aguiar, para os travestis,

a busca por um trabalho formal é bem mais difícil, pois o fato de serem considerados abjetos os torna mais vulneráveis às violências interpessoais. (...) Os travestis tentam conseguir trabalho formal, mas logo desistem em função da violência interpessoal que sofrem. O fato dos travestis não se encaixarem e nem buscarem se ajustar ao que a matriz heterossexual binária de gênero (Butler) constitui como **normal**, faz com que eles sejam mais sujeitos a atos de violência interpessoal, pois passam a ser considerados e vistos como **não humanos** e tratados como **objetos** (CARRIERI, SOUZA e AGUIAR, 2014, p. 89). **Grifos dos autores**

<sup>6</sup> Veja-se esse caso, em que a separação da travesti com a sua família ultrapassara os 40 anos de afastamento total, ao ponto de nenhum membro realizar os trâmites burocráticos para liberação do corpo e comparecer ao seu velório/sepultamento. “Travesti é enterrada com carinho de 4 mulheres e vaidade jamais esquecida”. **Campo Grande News**. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/travesti-e-enterrada-com-carinho-de-4-mulheres-e-vaidade-jamais-esquecida>>. Acesso em 20/06/2019.

<sup>7</sup> Para maiores detalhes, consultar Hanciau (2005).

Portanto, as travestis carregam consigo alguns elementos que a evidenciarão como pilares de discriminação, violência e estigma, uma vez que transpor as fronteiras da heteronormatividade, mesmo em plena era globalizada, ainda lhes causarão muitos transtornos.

Nesse interim, as fronteiras<sup>8</sup> corporais, físicas, emocionais, medicinais (acerca da ética e da moral) e familiares são transpassadas, tendo uma variação entre o eu físico, o eu enquanto minha representação do que quero de mim, e o resultado desse outro “eu”; há, dessa forma, analogicamente, um hibridismo entre o espaço, que ora é estriado, ora é liso, ora é os dois simultaneamente (DELEUZE e GUATTARI, 1997). Segundo Bento, esse arcabouço faz parte de toda uma conjuntura que apenas se materializa conforme as épocas, e que, nesse momento atual, prossegue seu processo histórico culminando em outro

campo social povoado por corpos que não entram na relação dialética para constituição do eu. Ao contrário, o desejo é pela eliminação sistemática daqueles corpos que poluem a pureza de uma nação imaginada, um tipo de “correia de transmissão” de uma Europa também imaginada: branca, racional, cristã, heterossexual. A negação do Outro não se transfigura em afirmação em momento algum, sendo, portanto, impensável atribuir aos corpos desse Outro qualquer qualidade que produzisse um campo de intersecção com o “eu”. (BENTO, 2018, s/p).

Há, dessa forma, séculos de fronteiras duras sendo derrubadas pela ascensão de novos paradigmas, e esses embates, buscam romper aspectos religiosos, tradicionais e culturais, ambos, expressos com maior evidência em setores mais conservadores da sociedade. Nesse sentido, Bento (2018) prossegue afirmando que o Estado, ao usar seu aparelho repressor, usa a truculência que gera o medo para intimidar os “anormais”, fazer com que retrocedam e/ou mesmo se escondam/camuflem essas “balbúrdias” no campo social como um todo, ressaltando que

Não encontro melhor resposta do que a utilização do medo, muitas vezes potencializada, transformada em pânico como retórico estruturante do Estado. O medo é um dos elementos centrais que irá sustentar as necrobiopolíticas. (BENTO, 2018, s/p).

Se esse medo já acomete aos cidadãos heterossexuais e com padrões dentro da normatividade de gênero apregoada pela sociedade como “correto” – aguçado com a violência

---

<sup>8</sup> O conceito de fronteira utilizado nesse trabalho compreende a definição ora física – de trabalho das travestis -, ora emocional/corporal/imaterial, relacionado aos desafios que cada indivíduo assume consigo mesmo enquanto ser homossexual e assumir-se, para transgredir uma situação posta como o nascimento, seu sexo, seu gênero e as consequências (para ele e para outros atores sociais) coletivas como um todo. Assim, segundo Albuquerque (2012, p. 83), temos que: “*As diversas tipologias de fronteiras possibilitam a sistematização teórica de várias realidades fronteiriças, tais como as diferenças entre fronteiras naturais e artificiais, abertas e fechadas, fronteiras políticas e sociais, físicas e simbólicas etc*”.

de maneira geral -, imagina então essas indivíduos travestis que ousam ocupar territórios outrora impensáveis de serem pisados por estranhos? Como óbvio, a política do medo e de aniquilação posta-se de prontidão.

Expressão dessa transgressão pode ser listada desde o uso de um nome social<sup>9</sup>, passando pela mudança comportamental-atitudinal, e, em última instância, a cirurgia que promove o surgimento de um ser corporal (siliconado) e, em alguns casos, com o sexo oposto àquele de nascimento.<sup>10</sup>

Essa evolutividade é objeto de estudo de alguns pesquisadores, e denota um campo a ser explorado, pois compreende processos de desterritorialidade corporal que incidem objetiva e diretamente sobre o ser travesti, que é, conforme os auspícios da maioria, uma etapa próxima daquilo que seria o ápice: a transexualidade. Vejamos a colocação de uma delas: “Acho que sou um Pokémon. Quando era novinha me chamavam de viado, depois virei uma bichinha pintosa, depois travesti. Agora, para chegar ao topo da evolução tenho que virar transexual” (CARVALHO, 2018, s/p).

Ressalta-se que esse padrão também sofre resistências – social, econômica, política e atitudinal – dentro da própria comunidade LGBTQ<sup>11</sup>, uma vez que, a feminilidade ora está sendo almejada/construída, ora renegada. Isto posto, um número considerável de pessoas entende:

a transexualidade como um processo evolutivo. Como se fosse uma pré-condição primeiramente reconhecer-se como gay, depois como travesti e, logo, como transexual, estabelecendo uma correspondência e relação entre a identidade sexual e a identidade de gênero. (LONGARAY e RIBEIRO, 2016, p. 771).

E essa evolutividade não é consenso.<sup>12</sup> Há quem queira ser gay e/ou lésbica e não se tornar travestis ou, em última instância, transexual, tampouco se prostituir. Inclusive, há

---

<sup>9</sup> **Brasil. Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016.** Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. DOU de 29.04.2016. Todavia, a primeira vez que houve a introdução desse termo foi através do Ministério da Saúde, que instituiu a “**Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009.** Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde. Brasília, 2009.” Para maiores detalhes, consultar Silva et. all., (2017).

<sup>10</sup> **A Portaria nº 859, de 30 de julho de 2013,** Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde – SUS, sendo o primeiro texto jurídico a introduzir essa temática. Essa normatização teve seus efeitos suspensos pela **Portaria nº 1.579, de 31 de julho de 2013** (Suspende os efeitos da **Portaria nº 859/SAS/MS de 30 de julho de 2013**), que também teve seus efeitos suspensos pela **Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013,** que Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS).

<sup>11</sup> A metáfora de que após a cirurgia “elas atravessam o arco-íris, pegam o pote de ouro e vão embora” foi repetidas vezes utilizada por ativistas travestis como acusação da falta de compromisso político daquelas que se identificavam como transexuais. (CARVALHO, 2018, s/p).

<sup>12</sup> Estudo mais pormenorizado sobre essa questão pode ser encontrado em (CARRIERI, SOUZA e AGUIAR, 2014).

inúmeros cidadãos “comuns”, atores, cantores e demais personalidades que se assumem homossexuais e bastam-lhes!<sup>13</sup>

Essas fronteiras – materiais/corporais e emocionais/imateriais – são modificadas em uma velocidade que acompanha os avanços tecnológicos, e chegam a romper os mais duros corações, nos mais longínquos lapsos Dionisíacos. Para Albuquerque (2012, p. 72),

A fronteira é difícil de ser pensada como um conceito que delimita uma zona de significados claramente demarcada. Geralmente indica mais uma situação ou uma posição diante de algo. A origem etimológica do termo (front, frente a) expressa o sentido de emoção e movimento, enfrentamentos posicionados em um determinado espaço e diante de um adversário.

Considerando a parte final da citação, temos exatamente o foco deste trabalho, uma vez que o adversário a ser combatido pode ser tanto o “eu” que luto comigo mesmo para “sair do armário” e me assumir gay (e me assumirem) perante a sociedade, quanto esta última que, a partir dessa tomada de decisão, determinados segmentos sociais dela – conservadores -, verá a Travesti como inimiga e, especificamente, condenará a sua existência e a prática laboral; eis, assim, o início de uma outra situação conflituosa de poder (RAFFESTIN, 1993).

Destarte, ainda conforme Albuquerque (2012), as fronteiras são múltiplas e paradoxais, tanto no campo físico quanto no imaterial/emocional. Assim, complexificando a temática, ele ressalta que:

As fronteiras podem ser ainda zonas privilegiadas de misturas culturais, de identificações sociais múltiplas, de identificações e alteridades situacionais. Por último, elas podem ser imaginadas como o lugar da utopia, um horizonte de possibilidades e de construção de projetos, experiências e novos significados sociais. São espaços abertos para o novo, o inusitado, desconhecido, o mistério e a criatividade das invenções (ALBUQUERQUE, 2012, p. 72).

---

<sup>13</sup> Há, inclusive, aqueles que discriminam, repudiam e violentam seus próprios pares, sendo ainda de ideologia conservadora e pertencente a partido opressor, como o PSL – Partido Social Liberal, em um evidente paradoxo conflitante. “Deputado que ameaçou bater em trans se assume gay após chantagens.” **lnews**. Disponível em: <<https://www.lnews.com.br/noticia/548148/noticias/deputado-que-ameacou-bater-em-trans-se-assume-gay-apos-chantagens-05042019>>. Acesso em 20/06/2019.



Nesse sentido, Travestis, assim, são, conforme visões estereotipadas da realidade da maioria da sociedade conservadora, **não humanos**, “*cyborgs*”<sup>14</sup> que descompassam a essência humana na medida em que “desobedecem” aos auspícios divinos, ferindo e mutilando seus corpos sagrados, provocando os olhares de desaprovação por um lado, e ódio e exclusão, por outro (SOUZA, 2017).

É, fazendo uma analogia entre a literatura e a ciência (GOETTERT, 2010), como expresso pelo filme de Spielberg, *A.I. – Inteligência Artificial*<sup>15</sup>, a composição de corpos inumanos que são resultantes de “lixos tecnológicos”, pedaços desconfigurados de “sobras” úteis. Destarte,

As transexuais e as travestis são alvos dessa investigação por serem entendidas como corpos abjetos, sendo, para muitos/as, consideradas aberrações, pois desafiam a heteronormatividade, ou seja, são produzidos fora da inteligibilidade social, incoerentemente em relação às normas hegemônicas. Provocam, muitas vezes, repulsa na sociedade. (LONGARAY e RIBEIRO, 2016, p. 764).

Corpos inumanos, não humanos, abjetos, aberrações, são algumas das conotações que são estabelecidas aos seres travestis e transexuais, evidenciando o quanto boa parte da sociedade brasileira ainda é conservadora.

Nesse caso, os aparatos tecnológicos incorporados aos corpos humanos, são invenções – próteses e demais produtos, mercadorias e serviços – que transformam o ser inicial e vão modificando-o à medida que surgem novas descobertas; umas carecem de reparos cotidianos, outras, “manutenção e/ou consertos” mais longínquos, todavia, ambas, extrapolam os territórios físicos e materiais para expressarem um outro ser, não mais performado pelo tempo natural, mas pelo colapso que a tecnologia compreende nele, tornando as relações no e pelo espaço “anormais” (MASSEY, 2008). Para Longaray e Ribeiro (2016),

as travestis e transexuais, de algum modo, ao (re)inventarem seus corpos, buscam escapar das convenções impostas ao seu sexo/gênero. Em contrapartida, ao reproduzirem alguns aspectos da feminilidade, acabam naturalizando determinados comportamentos e posturas. Elas produzem atos performativos e subversivos ao mesmo tempo. No entanto, outras formas de viver a feminilidade são apresentadas. (LONGARAY e RIBEIRO, 2016 p. 763).

<sup>14</sup> Trata-se de uma analogia visto a incorporação, não de aparatos tecnológicos, mas usos das tecnologias para modificar o corpo humano. “Este termo foi criado na década de 1960, pelos cientistas Manfred Clynes e Nathan Kline, a partir de um estudo sobre a necessidade de desenvolver uma relação mais aproximada entre os humanos e as máquinas, principalmente para que estas possam ajudar as pessoas a sobreviverem em situações extremas para o frágil corpo humano.” **Significado de Cyborg.** Disponível em: <<https://www.significados.com.br/cyborg/>> Acesso em 07/06/2019. Para uma visão mais detalhada sobre o termo, pode-se consultar o artigo “**Somos todos ciborgues: aspectos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientífico**”, disponível em <<https://journals.openedition.org/configuracoes/882>>, acesso em 07/06/2019.

<sup>15</sup> Filme com Direção: Steven Spielberg, lançado em 7 de setembro de 2001 (duração de 2 horas e 20 minutos). Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-29280/>>. Acesso em 25/05/2019.

Esse trajeto todo (gay até a transexualidade), que passa pelas modificações corporais, expressa a busca incessante pela feminilidade, aceitação, identificação desse ser que realiza esses processos, buscando, como fim, apenas ser feliz.

Contudo, ao modificar aquilo que a natureza divina consagrou com a dádiva do nascimento e da vida, mais que pecar, se está blasfemando contra as palavras sagradas, indo contra a vontade de Deus! Quer rompimento, transgressão mais “profana e eloquente” que essa?

Colocar próteses de silicone nos seios e nádegas, retirar costelas para delinear uma silhueta mais fina<sup>16</sup>, tomar hormônios para controlar – ou impedir - o nascimento de pelos (ou para aumentar a sua quantidade) etc, quando são práticas realizadas segundo os padrões da moda e da manutenção da “vontade divina” de um corpo feminino para aguçar a feminidade, ou masculino para evidenciar ainda mais a sua masculinidade, não causam alvoroço, constrangimento.

Todavia, se nesse aspecto há a questão homossexual, surge um novo paradigma, que se coloca como obstáculo<sup>17</sup> à aceitação desse ser “construído pela irracionalidade e com o objetivo de destruir os bons costumes” (BOURDIEU, 1998). É, dessa forma, segundo a visão conservadora de parte da sociedade brasileira (e mundial), uma anomalia individual, atitudinal, coletiva e corporal, um não humano!

Eis que assim, além da homofobia<sup>18</sup>, surge a transfobia! Perpassando por territórios os mais diversos, fragmentando, aumentando e transformando algumas fronteiras, surgem os novos membros (mutantes do século XXI?) da sociedade atual, e com ela, novos paradigmas acerca dos múltiplos seres em um único ser; da negação desse ser e a afirmação conceitual, prática, corporal, mental e atitudinal eclode uma nova pessoa – ou seria a mesma sob outras roupagens?

---

<sup>16</sup> “Brasil lidera ranking de cirurgias plásticas no mundo”. IstoÉ. Disponível em: <[https://istoe.com.br/375115\\_BRASIL+LIDERA+RANKING+DE+CIRURGIAS+PLASTICAS+NO+MUNDO](https://istoe.com.br/375115_BRASIL+LIDERA+RANKING+DE+CIRURGIAS+PLASTICAS+NO+MUNDO)>. Acesso em 09/06/2019.

<sup>17</sup> Isto posto, “Em relação à violência simbólica, vale ressaltar que a dominação simbólica se instaura através de um processo sustentado pela existência e pelo reforço de pensamentos e predisposições alinhados às estruturas impostas, refletindo em submissão ao instituído por parte dos dominados, que não conseguem romper com o mesmo, conspirando para a sua própria dominação” (BOURDIEU, 1975, 1998, 2003 *apud* CARRIERI, SOUZA e AGUIAR, 2014, p. 86).

<sup>18</sup> Por homofobia, de acordo com Rogério Diniz Junqueira (2009, p. 375), pode-se compreender que: “transcende tanto aspectos de ordem psicológica, quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos etc. Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero (*apud* DINIZ e PAMPLONA, 2014, p. 219-220).

Assim, nascer, necessariamente, não mais designa a orientação sexual de uma pessoa, agora, tampouco seu sexo, que pode ser modificado a seu gosto, seguindo a legislação de cada país e as condições socioeconômicas desse sujeito.

Todas essas concepções apresentam consequências sociais, culturais, familiares, religiosas, territoriais, legislativas etc acerca dessa nova estrutura que é resultado de uma sociedade fugaz, efêmera e complexa. A quebra de paradigmas então, provoca estranhamentos e enfrentamentos – no campo físico e virtual – entre as classes mais tradicionais e as advindas de novos rearranjos (SANTOS e BERGAMIN, 2016).

Nesse sentido, com a profissionalização cada vez mais pertinente da atividade laboral e avanços nos direitos<sup>19</sup> sociais, jurídicos e políticos dessas pessoas/desses profissionais do sexo nas últimas décadas, tivemos a insurgência de novos grupos sociais (feministas, de gênero, etc), alguns inclusive com representatividade política em instituições do legislativo e Organizações Não Governamentais – ONGs. Assim,

Consolidando os direitos em saúde dessa população, o Ministério da Saúde lançou a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, no sentido de promover o enfrentamento a iniquidades e discriminações, ampliando o acesso a ações e serviços de qualidade (SILVA et al., 2017, p. 837).

E o ordenamento jurídico vai ampliando seu campo de atuação, horizontal e verticalmente, uma vez que

A presença do campo destinado ao nome social nos documentos e prontuários da saúde, bem como o respeito dos profissionais da área ao adotarem o nome de escolha do usuário em seu atendimento impede que o constrangimento bloqueie o acesso aos serviços ofertados, reafirma o compromisso de universalidade e equidade do SUS, extinguindo a violação de direitos no âmbito institucional, além de estimular uma cultura de respeito às diversidades (SILVA et al., 2017, p. 837-838).

Essa bandeira de lutas e maior exposição com o advento das mídias sociais, promoveu, por um lado, um canal direto tanto de esclarecimentos acerca desses grupos, seus objetivos e atuação, quanto de promoção de seus trabalhos, com atendimentos personalizados aos clientes.

---

<sup>19</sup> Em 2011, “Os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), ao julgarem a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4277 e a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 132, reconheceram a união estável para casais do mesmo sexo. As ações foram ajuizadas na Corte, respectivamente, pela Procuradoria-Geral da República e pelo governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral.” (grifos nossos). Disponível em: < <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=178931> >. Acesso em 07/06/2019. Posteriormente, veio a Resolução n. 175, de 14 de maio de 2013, que “Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo”. Diário da Justiça, edição 89/2013.

Entretanto, por outro lado, deu voz a um exército de pessoas que proferem seus ódios contra esse público, inclusive instigando à violência em diversos vieses.<sup>20</sup>

Considerando-se o cenário brasileiro (e mundial) de eleições que consagraram projetos conservadores, seja na Presidência do país, seja para governadores e muitos cargos em casas legislativas estaduais (e no Congresso Nacional), tem-se, desta forma, um amálgama complexo de sobreposição de interesses, conflitos os mais acirrados e o aumento da violência contra esse público, seja física ou psicológica.

Muitos avanços que esse segmento obteve nas duas últimas décadas, estão sendo questionados e tratados por setores conservadores como “libertinagem”, imoralidade e incentivo a crianças para assumirem-se como homossexuais<sup>21</sup>; com esse discurso, políticas públicas estão em perigo de serem extintas, leis revogadas<sup>22</sup> e, dessa forma, corre-se o risco de retroceder-se a patamares do século XIX.

Com relação a essas pessoas fora da normatividade heterossexual, há uma regulamentação que vem se atualizando<sup>23</sup> conforme a velocidade de insurgências desses atores: antigamente era GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), hoje, a sigla mais usual e moderna é a LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgênero e Transsexuais), podendo ainda inserirmos um “Q” de *Queer* – que significa questionando -, como também o sinal de “+” a frente da sigla, que representa outras situações diferentes das mencionadas.

---

<sup>20</sup> Segundo Humberto Eco, “as redes sociais dão o direito à palavra a uma ‘legião de imbecis’ que antes falavam apenas ‘em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade’”. **Redes sociais deram voz a legião de imbecis, diz Umberto Eco.** Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco,6fc187c948a383255d784b70cab16129m6t0RCRD.html>>. Acesso em 07/06/2019.

<sup>21</sup> Exemplo metafórico descabível e que foi fortemente repulsado pelo público cristão-conservador, refere-se ao chamado “*Kit Gay*”. Não adentraremos a esse debate, por não ser o foco do texto, todavia, mencioná-lo, faz-se imprescindível para demarcar um campo de avanços sociais contra a homofobia, educando e buscando conscientizar na escola sobre essas práticas discriminatórias e que foram distorcidas em um primeiro momento para não serem entregues pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura às escolas em 2011, e em 2018, palco ideológico-eleitoreiro, foi utilizado para impulsionar o então candidato Jair Bolsonaro (PSL) à eleição Presidencial. Para maiores informações, consultar <<https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>> e <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381\\_052616.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html)>, respectivamente. Acesso em 07/06/2019.

<sup>22</sup> “Medida Provisória assinada por Bolsonaro não explicita diretrizes para população LGBTI”. **O Globo.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/medida-provisoria-assinada-por-bolsonaro-nao-explicita-diretrizes-para-populacao-lgbti-23341254>>. Acesso em 11/06/2019.

<sup>23</sup> Vide: **Sigla LGBTQ+ cresce para ecoar amplidão do espectro de gênero e sexo.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/sigla-lgbtq-cresce-para-ecoar-amplidao-do-espectro-de-genero-e-sexo.shtml>>. Acesso em 07/06/2019.

Isto posto, e com a certeza de que ainda existe um imenso campo de exposição, debates e reflexões acerca do tema, passaremos agora a reflexão sobre os territórios de trabalho dessas pessoas, conflitos e vivência daqueles que laboram vendendo o seu corpo, os profissionais do sexo, travestis-transsexuais.

### **Território da apreensão: entre o ganha pão e o medo – legados de uma batalha noturna**

Buscou-se aqui, realizar um trajeto que foi percorrido no trabalho de campo realizado em 2016 (SANTOS e BERGAMIM, 2016), focando na questão dos pontos urbanos (ruas, vielas) usados como locais de trabalho (prostituição) outrora visitados; encontrou-se, inclusive, uma população quantitativamente maior e predominantemente composta pelas Travestis<sup>24</sup>, fato novo, uma vez que há 3 anos atrás, tinha-se (exclusivamente em alguns locais) muito mais mulheres profissionais do sexo nesses locais. Essa conjuntura expressa que

A prostituição é mesclada pela luta pela sobrevivência e a fabricação de si, tornando visível todo o aparato que constitui a feminilidade das travestis e transexuais e que, conseqüentemente, seja a partir da simples utilização de marcadores e vestimentas ditos do gênero feminino, ou a partir de um investimento mais específico, como a ingestão de hormônios, a realização de plástica facial, a aplicação de silicone, entre outros processos que fazem parte da tecnologia da transformação corporal. Nesse processo de transformação e construção da subjetividade, o corpo, além de ser ator, é também cenário dessa produção (LONGARAY e RIBEIRO, 2016, p. 777-778).

Tal fato denota uma guerra de territórios, uma vez que tanto na pesquisa anterior, quanto nessa, jamais se notou disposição juntas e/ou próximas de trabalho entre profissionais travestis e prostitutas. Esses avanços fronteiros rumo à prática de prostituição, portanto, compreende mais que a lógica de renda financeira, abrangendo os lapsos simbólicos de ocupação territorial e evidenciação da feminilização. Outrossim,

A prostituição é destacada, também, como a única saída pelas travestis e transexuais que são excluídas e rejeitadas no mercado de trabalho e também na família. O dinheiro é que acaba as atraindo para a prostituição, pois necessitam deste, tanto para sustentar-se e produzir-se, quanto para manter suas relações familiares e amorosas (LONGARAY e RIBEIRO, 2016, p. 778).

Dessa forma, a realidade observada com o trabalho de campo, denota outra usualidade dos mesmos territórios analisados na pesquisa anterior, agora composta predominantemente por pelas travestis.

---

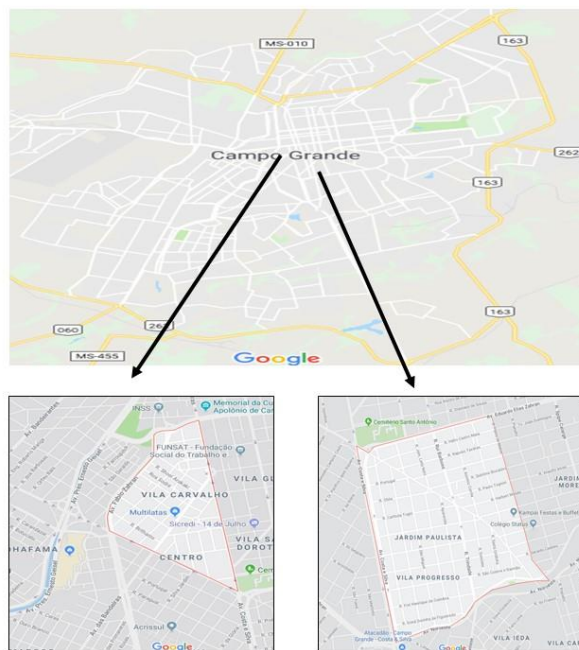
<sup>24</sup> Muitos pontos eram ocupados por mulheres – geralmente sozinhas - que trabalhavam como Profissionais do Sexo, agora, para nossa surpresa, muitos desses pontos estavam ocupados por Travestis, que quase exclusivamente dividem os pontos, provavelmente para se defenderem de violências.

Essa mudança compreende uma reflexão: as mulheres profissionais do sexo foram expulsas desse território? Se sim, quais espaços agora ocupam? Continuam trabalhando nas ruas, ou agora, tiveram que se desterritorializar para se reterritorializarem em estabelecimentos comerciais ou, em último, caso, para outras (regiões das) cidades? (HAESBAERT, 2014).

Essas questões não podem ser respondidas por esse trabalho devido a sua natureza investigativa ter outro foco de análise, no entanto, suscitam muitos direcionamentos que estão relacionados a ela, por compenetrados pelo mesmo labor e território.

Alguns vieses podem indicar que tenha havido uma migração dessas atividades para outras capitais e cidades grandes, ou para empreendimentos individuais que, utilizando-se da internet, possibilitam um atendimento personalizado-individualizado ou, ainda, trabalhando-se por conta própria em novos territórios (ruas e vielas) de Campo Grande – MS. A Figura 1 evidencia os dois locais visitados durante o trabalho de campo, conhecidos como pontos de prostituição;

**Figura 1:** Cidade de Campo Grande, Vila Carvalho e Jardim Paulista/Vila Progresso



Fonte: Google Maps

Esses dois locais são pontos - pedaços, manchas, trajetos e pórticos -, segundo Magnani (1992) que expressam a idiosincrasias nodais da prostituição em Campo Grande; a Rua Calógeras, desde o quadrilátero central da cidade, adentrando à Vila Carvalho e espraiando-se por mais ruas e vielas escuras, é território de travestis, muito frequentes nos fins de noite e nas

madrugadas; por sua vez, mais distante do centro porém com maior abrangência geométrica e quantitativa de profissionais do sexo, a Vila Progresso/Jardim Paulista é mui frequentado por clientes desejosos dos serviços oferecidos, que são muitos e diversificados.

Adentrando no campo investigativo mais palpável, territorializado, tem-se que essa modalidade de trabalho compreende assim, novos arranjos produtivos/laborais do sistema capitalista de produção (HARVEY, 2005), que expressam uma diferenciação de utilidade entre, o que ocorre de dia, e o que se desenvolve a noite. Comércio, empresas, casas e demais áreas apresentam uma singularidade que se modifica completamente no período noturno, visto sua usualidade pelos profissionais do sexo: de dia, as esquinas e estabelecimentos comerciais funcionam normalmente como em qualquer outra cidade, já a noite, o agito, a música, o entra-e-sai predomina.<sup>25</sup>

Com relação aos pontos fixos estabelecidos nas ruas pelas travestis, individual ou em grupos, esquinas são demarcadas como territórios que jamais podem ser ocupados por concorrentes, somente a clientela tem “permissão” de adentrar, transgredir, penetrar. Magnani (1992, p. 192) estabelece quatro categorias de análise para melhor compreender as relações que ocorrem na cidade: *pedaço*, *mancha*, *trajeto* e *pórtico*. Essas divisões expressam as particularidades entre o todo e suas partes, e as vicissitudes de cada uma dessas frações. Dessa maneira,

pertencer a um *pedaço* significa dispor de uma referência concreta, visível e estável - daí a importância do caráter territorial na definição da categoria. Pertencer ao *pedaço* significa também poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os “bandidos” da vila, de alguma forma, acatam (MAGNANI, 1992, p. 193).

Essa conceituação antropológica, guardada as peculiaridades, se assemelha com as categorias território e lugar, a primeira, investida de poder, e a segunda, de identidade; ambas, penetradas pela atuação das travestis.

Eis, dessa forma, as multiplicidades de territórios que se sobrepõem nas manchas urbanas, ora concomitante, ora conflitante; ora para uma função cotidiana comum e tradicional, ora para ocultar as obscuridades que parcela da sociedade usa, mas nega e tenta denegrir-excluir. Prosseguindo com Magnani, manchas são empregadas para estabelecer uma

forma mais precisa para designar uma área contígua do espaço urbano dotada de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam - cada qual com sua

---

<sup>25</sup> Haesbaert (2004), considera que: “enquanto “espaço-tempo vivido”, o território é sempre múltiplo, “diverso e complexo”, ao contrário do território “unifuncional” proposto pela lógica capitalista hegemônica.”. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf> >. Acesso em 16/06/2019.

especificidade, competindo ou complementando - uma atividade ou prática predominante (MAGNANI, 1992, p. 196).

Nesse caso, as territorialidades ensejadas pela atuação das travestis enquanto ponto de prostituição, é a melhor similitude que se pode atribuir. Características paradoxas, afins, ora unindo-se, ora conflitando-se.

A outra categoria por ele empregada e que se enquadra no contexto do trabalho é o *trajeto*, que “permite pensar tanto uma possibilidade de escolhas no interior das *manchas* como a abertura dessas *manchas* e *pedaços* em direção a outros pontos de espaço urbano e, por consequência, a outras lógicas” (MAGNANI, 1992, p. 199).

Esses ambientes particularizados possibilitam um “corredor” específico dentro daquilo que o transcende. Por fim, e relacionado com as variáveis anteriores, temos os *pórticos*. Não-lugares, entre-lugares, espaços híbridos etc, são algumas das colocações, em diversas áreas e segmentos, que podem se relacionar com este último elemento analítico; grosso modo, pórticos são, conforme Magnani,

Finalmente, os trajetos levam de um ponto a outro através dos *pórticos*. Trata-se de espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens. Lugares que já não pertencem ao *pedaço* ou *mancha* de lá, mas ainda não se situam nos de cá; escapam aos sistemas de classificação de um e outra e como tal apresentam a “maldição dos vazios fronteiros” (MAGNANI, 1992, p. 199).

Os pórticos, são, dessa forma, espécies de lapsos fronteiros que se mesclam e se misturam – de dia e de noite, em sua funcionalidade e formalidade – resultando em uma ausência concreta de definição pois, para cada lado da “fronteira”, ela é uma coisa diferente. Uns a querem-necessitam (travestis/clientes), outros a repudiam, excluem-na (moradores/vizinhaça). É, no dizer do autor, “Terra de ninguém, lugar do perigo, preferido por figuras *liminares* e para a realização de rituais mágicos - muitas vezes lugares sombrios que é preciso cruzar rapidamente, sem olhar para os lados” (MAGNANI, 1992, p. 199).

As peripécias noturnas contrastam das atividades diurnas, o que caracteriza esse território como de múltiplos usos. Lócus de trabalho e geração de renda, concretização da feminicidade e usualidade extemporânea, faz-se, existe, gostem ou não os moradores; inclusive, provavelmente essa região seja mais conhecida na conjuntura urbana do cidadão campo-grandense pela narrativa pejorativa que lhe é atribuída em função de sua atividade laboral noturna que propriamente pelo nome do bairro ou comércios-empresas que lá existem/funcionam.



Isto posto, o que se tem de certo é que a profissão é perigosa, desgastante física e emocional para essas pessoas. Disputas territoriais, individuais e/ou coletivas são semelhantes àquelas preconizadas pelo Reino Animal, pois, questão de sobrevivência. O “ganha pão”, incide na entrega do corpo, mas também da alma (essa última, entendida como a parte psicológica, bem como o plano das emoções).

### **Aspectos gerais de uma vida noturna nada normal – sexo, dinheiro e perigo na noite campo-grandense**

Para realização da pesquisa<sup>26</sup>, foi elaborado um questionário com cerca de 15 perguntas relativas à profissão. Versaram em pontos específicos e em aspectos mais abrangentes da economia e política atual. Foram entrevistadas 6 travestis e 1 transsexual, distribuídas nos dois pontos diferentes da cidade<sup>27</sup>. Uma das diversas entrevistas abrangeu um grupo que se dispôs a participar da pesquisa conjuntamente (trio), as demais entrevistadas estavam sozinhas em outros pontos.

Iniciando os questionamentos, a maioria apontou que sua profissão é digna e que gosta daquilo que faz, inclusive, não pensam em deixá-la. Quando indagadas sobre o que as levariam a sair desse ramo de atividades, a quase totalidade apontou que não pretende abandonar; apenas uma delas disse que “um bom emprego, com remuneração digna” a credenciaria a deixar esse labor.

Todos os participantes ressaltaram que os ganhos financeiros são bons e que são através deles que provêm o sustento de suas famílias; também apontaram que os dias que são mais produtivos são aqueles que incidem sobre as datas dos pagamentos, tanto da esfera pública quanto da privada. Fins de semana, obviamente, são os mais robustos, aonde mais se trabalha e, obviamente, tem-se rendimentos maiores/melhores.

Quando lhes foi perguntado sobre os problemas da profissão, apontaram os perigos que os clientes - incógnitas – representam, pois, em muitas ocasiões, verdadeiros desconhecidos que os transportam à motéis e demais espaços para realização do programa, podendo, no trajeto,

---

<sup>26</sup> Não usaremos nomes fictícios para representar as populações abrangidas pois entendemos que desnecessário, como também não apresentaremos o texto das questões para dar fluidez ao texto. Todavia, os procedimentos usuais e acerca dos direitos do entrevistado foram obedecidos conforme a legislação vigente.

<sup>27</sup> Ressalta-se que é extremamente difícil realizar esse trabalho de campo, por diversos fatores: perigo no acesso, permanência e abordagem aos entrevistados (há, inclusive, gigolôs e demais pessoas para controlar a segurança e a parte financeira) devido a insalubridade dos locais e a hora de sua efetivação, ser atendido por elas em virtude do horário de trabalho – clientes abordando-as ou “fugindo” da gente devido a possíveis identificações -, perda de programas com “tumultos” etc.

no ato e no retorno, serem objetos de violência e até mesmo risco de assassinatos (muitos relataram que já tiveram amigos mortos trabalhando). Nesse interim,

De acordo com observatório internacional que monitora homicídios de pessoas transexuais em 65 países 38, o Brasil ocupa a primeira posição no ranking de assassinatos de travestis e mulheres transexuais. Altas prevalências de violência verbal e física são descritas em diversos contextos sociais e, frequentemente, resultam na saída precoce de casa motivada pela não aceitação da identidade de gênero por parte da família, assim como em expulsão da escola, bem como na ausência de busca por serviços de saúde em razão da hostilidade vivida ou pressentida. (ZUCCHI et al., 2019 s/p).

Tais dados demonstram o quanto parte considerável da sociedade brasileira é racista, machista, misógina, homofóbica e dotada de outras muitas fobias, colocando o Brasil em evidências catastróficas do ponto de vista dos Direitos Humanos. Essa violência se materializa e intensifica na consumação do ato, quando os clientes vão utilizarem-se dos serviços das travestis, como ressaltado por Carrieri, Souza e Aguiar:

Como não são considerados humanos por grande parte de seus clientes, estes clientes tratam os travestis como objetos e não veem problema algum em agredi-los fisicamente. São apenas brinquedos e objetos sexuais nas mãos dos mesmos. No trabalho, o travesti “não sabe o que vai passar, o que vai acontecer” (CARRIERI, SOUZA e AGUIAR, 2014, p. 90).

São, no dizer de Nascimento (2000), os excluídos necessários!

A questão seguinte pautou-se na percepção social acerca da exclusão social, o que a maioria dos profissionais do sexo ressaltaram que não, não são excluídos, sejam pelos clientes, ou pelos familiares. Gostam do que fazem e se sentem úteis ao serem acionados para o trabalho. Esse paradoxo é parte da concepção de submissão “a qualquer custo” que essas travestis aceitam para sobreviverem, inclusive, permeando os limites da morte.

Por sua vez, considerando-se o cenário político atual, eminentemente caótico, complexo e polarizado, buscou-se, então, analisar, mediante questões mais pertinentes, a compreensão de como esses profissionais, que vivem em constante contato com “estranhos”, têm acerca da liberação do porte de armas.<sup>28</sup>

Relacionado com a segurança pública, tal indagação tenta compreender se, essa medida, proposta por um presidente (militar) com viés ideológico conservador, tende a ampliar a

---

<sup>28</sup> “Decreto de Bolsonaro que regulamenta uso e porte de armas no país libera compra de fuzil por qualquer cidadão”. O Globo. Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/05/20/decreto-de-bolsonaro-que-regulamenta-uso-e-porte-de-armas-no-pais-libera-compra-de-fuzil-por-qualquer-cidadao.ghtml> > e “Decreto de Bolsonaro facilita porte de arma para mais categorias”. O Globo. Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/05/08/decreto-de-bolsonaro-facilita-porte-de-arma-para-mais-categorias.ghtml> >. Acesso em 11/06/2019.

violência física contra esses trabalhadores, que já vivem em situação de vulnerabilidade e, estão, devido às condições precárias e insalubres, propícios a serem “castigados” das mais diversas formas.

A grande maioria delas disseram que sim, que estão preocupadas com essa legalização, uma vez que já sofrem com os “loucos que portam armas e os intimidam antes, durante e depois dos programas”, imagina então ampliando esse percentual?

Mudando o foco para a arena econômica, em que se considera um lapso de tempo de aproximadamente 14 anos, que incide desde o governo Lula (2003-2010), passando pela administração Dilma (2011-2016), ambos do Partido dos Trabalhadores – PT, por Michel Temer 2016-2018 (PMDB), até o cenário atual, com a efetivação de Bolsonaro (PSL), perguntamos sobre os percentuais de renda obtidos em cada um desses períodos.

Nesse contexto, houve a unanimidade dos profissionais do sexo em ressaltar que, foi durante os mandatos de Lula que ocorreram os maiores ganhos financeiros. Disseram que foi o auge, o que corrobora o período de desenvolvimento do país como um todo, acompanhando a ascensão da economia nacional.

A título de hipótese, quando há um contexto de fartura econômica, esse arcabouço predispõe uma harmonia entre os diferentes grupos sociais e, na medida em que o “sossego” se espalha pelas relações culturais, religiosas e afins, produz menos conflitos. Isso, pode explicar (outra hipótese) como, nos dias atuais, os ânimos estejam acirrados a tal ponto que crises, assassinatos e demais atos de fobias venham à tona com mais veemência e se agucem, tendo, inclusive, personificações de e em todas as classes sociais, em uma espécie de instinto natural de sobrevivência em um mundo cada vez mais selvagem.

Com a diminuição da renda (comprovado mediante a próxima questão) advindo do trabalho desses profissionais, tem-se toda uma reação em cascata, afetando suas vidas particulares e a busca por novos territórios e clientes como se fossem presas disputadas pelos predadores. A lei da oferta e da procura penaliza esses trabalhadores com a queda no preço dos programas, em virtude da concorrência.

A quase totalidade relatou que trabalha em lugares públicos há muitos anos, fazendo desses espaços, seu *locus* de renda e, dessa forma, defendendo-o contra os “invasores”. Uma pequena minoria ressaltou que se desloca de tempos em tempos para as grandes capitais, pois essas “andanças” propiciam a novidade que, tem por consequência, um vulto maior de aporte de recursos angariados com a “carne nova” que é exposta nos pontos específicos dessa natureza.

Ainda sob esse viés ideológico (que também foi objeto de questionamento na pesquisa anterior), a próxima questão procura conhecer o perfil do público que se utiliza dos serviços desses profissionais; a pergunta se direcionava sobre a tendência tradicional, com costumes e hábitos de pessoas “conservadores”, ao que o público composto pelas Travestis ressaltou que, a quase totalidade deles, o era.

Tal busca por esses serviços, na obscurantilidade, incide em não romper fronteiras da “normalidade” tradicional que é ditada pela igreja e pelos costumes que passam de geração em geração e, tem que seguir assim, pois “é o certo a ser feito!”. Quando se desvia da linha nada material, e pende-se para uma espaço imoralizado pelo discurso – mas não pela praticidade -, esse cliente (pai de família e com *status* social e econômico) não pode se expor, e é exatamente nesse contexto que as “saidinhas” à busca de prazer e do verdadeiro “orgasmo” é obtido com o uso dos serviços das travestis, em uma espécie de “vale tudo” na cama/na intimidade que jamais poder-se-ia ser realizado com a esposa.

Esse paradoxo é constituído tanto pela necessidade do cliente, quanto pela da travesti (financeira e simbólica/dominadora), pois

A prostituição nem sempre é caracterizada como uma atividade de exploração do corpo, como fonte de sustento. Embora ela tenha sido comumente associada ao universo das travestis e transexuais como uma experiência marginalizada, a prostituição não é somente um trabalho, mas, também, é um espaço de produção das feminilidades, de sociabilidades e de visibilidades. (LONGARAY e RIBEIRO, 2016, p. 776).

Assim, refletindo acerca das relações pessoais grosso modo, indagamos acerca do que pensam sobre o feminicídio e a homofobia, ao que a maioria disse ser latente o aumento dos casos e que muitos de seus familiares e amigos passam por essas situações. Há, dessa forma, um acompanhamento dessa questão nos laços presenciais (familiares e amigos) como também pela imprensa, falada e escrita.

Essa conjuntura de violência cada vez maior, que é intensificada seja pela ascensão de grupos conservadores ao poder e, principalmente por suas ações propositivas a um contexto de mais retirada de direitos e medidas que ocasionam mais violência, é concretizada quando se observa que

Uma em cada três travestis ou mulheres transexuais já viveu pelo menos uma forma de violência em decorrência de sua expressão e identidade de gênero. A maioria já foi vítima de violência policial ou de chantagem e extorsões. No que pese não termos realizado tal análise, tais experiências são frequentemente associadas ao contexto de prostituição e/ou de envolvimento com o uso e tráfico de drogas (ZUCCHI et al., 2019 s/p)

Essas estatísticas foram sequenciadas com a pergunta sobre a possibilidade de se mudarem do Brasil<sup>29</sup> para garantir, além da integridade física, a sua vida! Poucos ressaltaram esse desejo. Alguns disseram que querem conhecer tais lugares (turismo mesmo) apenas como desejo de consumo paisagístico, turístico, comercial, não para fins de moradia.

Por fim, a última questão versa sobre o estado civil dos clientes consumidores dos serviços desses profissionais do sexo, especificamente as travestis; ao que a imensa maioria respondeu que sim, apontando, inclusive, para um percentual acima de 90% (noventa por cento) deles serem casados.

Essa descrição comprova os atos dos clientes que são cometidos “às escondidas”, visando, por um lado, saciar sua louca vontade de “gozar” verdadeiramente, atingir o ápice da plenitude do desejo sexual, todavia, por outro lado, e em posição antagônica, expressa a necessidade em manter o padrão “bom pai, bom marido, boa família”, imposto pelas regras e tradições cristãs e que, têm que ser respeitadas e cumpridas!

Existem discrepâncias mais complexas e contraditórias do que entre tais fronteiras? Percursos, medos, avanços territoriais, transgressão de limites, ocultação de sentimentalidades, em um só corpo, em uma só alma. E, nesse caso específico, não estamos nos referindo à travesti, mas sim ao cliente que dela faz uso! É, portanto, um ser infeliz, imoral, incompleto, que carrega consigo o espírito da penitência, da maldade e da enganação próprios de concepções maquiavélicas no campo emocional.

Vive de fantasias às quais somente poderão ser realizadas com a transgressão de sentimentos que ele mesmo enruste e esconde com pressão do imaginário conservador; necessita entrar em territórios promíscuos e nebulosos para se satisfazer e buscar uma aura para prosseguir na sua vida cotidiana; pela força e coação, oculta tais fatos para que continuem sendo conhecidos somente por ele e pelo “produtor do prazer” (obviamente que há mais pessoas que o viram e sabem desses “descaminhos”, entretanto, ele faz que não sabe e, caso venha a conhecimento, negará até a morte!).

Essas questões são, dessa forma, imaterialidades próprias de um elenco em que não se sabe quem é o (a) protagonista, quem é (a) o coadjuvante. Também não se podem excluí-las (Travestis) de vez - pois são necessários! - pelo fato da produção constante de novos atores que adentrarão a esse sistema-mecanismo. Uma vez extintos, como e com quem os clientes terão

---

<sup>29</sup> “Ameaças de morte levam Jean Wyllys a desistir de mandato para deixar o Brasil”. El País. Disponível em: < [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/24/politica/1548364530\\_154799.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/24/politica/1548364530_154799.html) >. Acesso em 20/06/2019. Esse caso representa o medo que figura entre a comunidade LGBTQ e seus opressores, agora, “avalizados” pelo discurso da classe liberal-conservadora que ocupa o poder.

esses momentos de prazer? O certo, é que as fronteiras – físicas, emocionais, individuais, coletivas etc -, jamais serão as mesmas!

### **Considerações Finais**

A trajetória analisada acerca da homossexualidade e suas conexões evidenciou o quanto as fronteiras são cambiantes, metamorfoseadas, flutuantes, efêmeras e vorazes nos dias de hoje. Desde a árdua tarefa de se assumir gay/lésbica perante uma sociedade machista, misógina, xenófoba, tradicional e conservadora até os mais intensos graus de “libertinagem” que é a transformação corporal travesti e, em última instância, o (a) transsexual, tem-se então uma panaceia imensa de transgressões territoriais físicas, mas, principalmente, emocionais/psicológicas/simbólicas.

Inúmeros territórios são penetrados/transpassados por esses sujeitos na busca de identidade e afirmação; fronteiras são ora rompidas, estabelecendo-se um cenário conflitante entre esse público e parte da sociedade em geral, ora tem-se os avanços que denotam novas territorialidades sociais, jurídicas, simbólicas no seio dessa própria sociedade.

Nesse sentido, viver e conviver sendo travesti é uma luta cotidiana, mais complexa, difícil e perigosa quando se configura uma atividade laboral que compreende a prostituição: ser profissional do sexo, incide em multiplicidades territoriais que evidenciam o quanto os limites são frágeis, e as linhas, cambiantes a todo momento.

Afirmar-se enquanto um ser diferente da heteronormatividade sexual “padrão” e, posteriormente, avançar na modificabilidade biológica de nascimento para aumento da feminilidade/masculinidade e/ou transexualidade, é, dessa maneira, a representação de uma sociedade que muda e rompe os paradigmas em alta velocidade.

Dessa forma, caminhando pelos territórios noturnos, lócus da plataforma de atuação daqueles que vivem na/prostituição, observamos que as concepções de território são realmente múltiplas e imateriais, emocionais, simbólicas, resultando em fronteiras cada vez mais complexas entre os indivíduos. Campo Grande -MS, é parte de um todo que extrapola os limites do território nacional e, tais características das travestis, provavelmente são ainda mais salientes nas grandes metrópoles.

## Referências

ALBUQUERQUE, José L. C. Fronteiras múltiplas e paradoxais. **Textos & Debates**, Boa Vista-RR, n. 22, p. 71-87, jun./dez. 2012.

ARANTES A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? **Cadernos Pagu** (53), 2018:e185305.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil.1998.

BRASIL. **Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016**. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. DOU de 29.04.2016.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009**. Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde. Brasília, 2009. DOU DE 14/08/2009.

CARVALHO, Mauro. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. **Cadernos Pagu**. 2018:e185211 ISSN 1809-4449.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOUZA, Eloisio Moulin de; AGUIAR, Ana Rosa Camillo. Trabalho, Violência e Sexualidade: estudos de Lésbicas, Travestis e Transexuais. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, art. 5, pp. 78-95, Jan./Fev. 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.p.57-95.

CLIFFORD, James. Culturas Viajantes. In: ARANTES A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. pp. 50-79.

COSTA, Alfredo B. **Exclusões sociais**. Lisboa: Gradiva. 1998. 99p.

DELEUZE, Gillés; GUATTARI, Félix. O liso e o estriado. In: \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo, ed. 34, 1997, pp. 179-214.

DINIZ, Nilson Fernandes; PAMPLONA, Renata Silva. “Encontrando Bianca”: discursos sobre o corpo-travesti. **Pro-Posições** | v. 25, n. 2 (74) | p. 217-236 | maio/ago. 2014.

ELIAS, Norbert. **Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FOUCHER, Michel. Introdução: a arte dos limites. In: \_\_\_\_\_. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, 2009. pp. 9-27.

GOETTERT, Jones D. “Desimaginando” O mundo pelas margens do “desmundo”: Pensando o espaço em “dobras” da literatura e do cinema. São Paulo. Revista Terra Livre, nº 34, vol. 1, jan./jun. 2010, p. 79-108.

HAESBAERT, Rogério. Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf> >. Acesso em 16/06/2019.

\_\_\_\_\_. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e convenção**. Rio de Janeiro: Beltrant Brasil, 2014.

HANCIAU, Núbia J. **Entre-Lugar**. In: FIGUEIREDO, Euridice (Org.) *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora. UFJF, 2005, p. 125-142.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

INGOLD, Tim. Um mundo narrado. In: \_\_\_\_\_. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 211-257.

KOSIK, K. **A dialética do concreto**. 3.ed. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da Feminilidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(3): 761-784, setembro-dezembro/2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v. 35, pp.191-203, 1992.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MASSEY, Dorren. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2008.

NASCIMENTO, Elimar P. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. In: BURSZTYN, M. (Org.) **No meio da rua: nômades excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. p. 56-87.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Regerson Franklin dos; BERGAMIN, Alexandre Vieira. O trabalho das profissionais do sexo na cidade de Campo Grande-MS/Brasil: olhares e percepções acerca da exclusão social. In: **VI Seminário Internacional América Platina: Campo Grande - MS**, UEMS-UFMGD, 2016.

SILVA, Anderson Moraes de Castro; O prazer de Sísifo está no leito de Procuro: a emoção do prazer nos relatos dos consumidores de fast sex. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. **Revista Latinoamericana**. n. 6, dec 2010, p. 63-82.



SILVA, Livia Caroline Moraes da. et. all. Uso do nome social no Sistema Único de Saúde: elementos para o debate sobre a assistência prestada a travestis e transexuais. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 27 [ 3 ]: 835-846, 2017.

SOUZA, Jesse de. **A elite do atraso**. São Paulo: Leya. 2017.

ZUCCHI, Eliana Miura et. all. Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, 2019; 35(3):e00064618.

*Recebido em 14 de maio de 2019.*

*Aceito em 28 de junho de 2019.*